

O fluxo das Informações Jornalísticas no Tempo-Espaço das Mídias Digitais/Online

Trabalho apresentado ao NP 08 – Tecnologias da Informação e Comunicação

Andréia Denise Mallmann¹²

Resumo

Partindo das premissas de Harvey (2003), na obra *Condição Pós-Moderna*, um olhar se força atento a esse período, citado nesse título, e levanta as questões de tempo-espaço no fluxo das informações imagísticas dessa época. A relação de elementos como tempo, espaço, tecnologia, pós-modernidade, imaginário, linguagens imagísticas e convergência de mídias, será o foco principal desse estudo. Para tanto, a metodologia que melhor se aplicará à construção e análise da pesquisa é a da complexidade moriniana, tendo em vista sua abordagem dialógica e a capacidade deste método contar com a multidisciplinariedade (no caso, das áreas da física, da história e da comunicação social).

Palavras-chave

Tempo-espaço; tecnologia; mídias; comunicação; jornalismo

Corpo do trabalho

Tempo, espaço e sociedade

Através do capitalismo, a Revolução Industrial criou as primeiras redes materiais (ferrovias) que interligaram os espaços (inter)nacionais. A mesma revolução (capitalista) que trouxe a energia elétrica, anos mais tarde, inovou os mercados da microeletrônica. Hoje vivemos em uma era dita pós-moderna, no período da pós-industrialização que invergaram velhas noções de tempo-espaço, garantindo, a esses conceitos físicos e tantos outros sociais, novos valores e interpretações.

¹ * Mestre em Comunicação Social, linha Tecnologias do Imaginário pelo PPGCOM
Docente da Faculdade de Comunicação Social/Jornalismo da PUCRS

² A mestre e docente, prof^a. Andréia D. Mallmann ministra aulas de jornalismo on-line e técnicas digitais na PUCRS há 2 anos e meio. Possui publicações em seminários e congressos nas áreas de tecnologias do imaginário e estudos audiovisuais. A autora é bacharel em Jornalismo, curso o qual concluiu no ano de 2002, iniciando, seqüencialmente, sua trajetória docente na mesma Universidade, no ano de 2003.

Quando ouvimos falar que “*o mundo está cada dia mais acelerado*”, estamos diante de um elemento que aplica sua lei física sob outros dois pontos: a velocidade e, por conseguinte, o tempo. As distâncias percorridas (espaços), tanto para o transporte de materiais concretos, reais; como para levar ao outro lado do mundo informações, dados virtuais, digitais, ganharam “veicularidade”, graças às tecnologias disponíveis em cada tempo. Assim, a revolução tecnológica, ou como diz HARVEY (2003,190) “*o progresso implica a conquista do espaço, a derrubada de todas as barreiras espaciais e a aniquilação do espaço através do tempo*”.

Como já estudava Einstein, na questão da viagem no tempo, muito abordada pelo cinema, “aniquilar o espaço através do tempo”, seria o mesmo que obter tamanha aceleração capaz de criar um movimento com altíssima velocidade, onde o espaço (a distância) a ser cumprido desaparecesse. Trazendo tais reflexões para uma realidade mais mundana, o que as novas tecnologias digitais prometem é rezar por um avanço (uma velocidade de processamento de *bits*³, agilidade de administração, rotinas, etc) capaz de diminuir o tempo de execução de inúmeras funções pretendidas pelo homem. Esse processo implica, justamente, alterações em questões culturais, operacionais, de linguagem, de imaginário, enfim, mudanças importantes no histórico social humano.

O problema imediato, porém, é compreender os processos sociais mediante os quais suas qualidades objetivas são estabelecidas. Com isso, podemos avaliar melhor a afirmação de que, a partir dos anos 70, vem ocorrendo algo vital para a nossa experiência do espaço e do tempo que provocou a virada para o pós-modernismo. (HARVEY:2003,207)

A conhecida expressão *time is money* é a representação de um ideal capitalista vigente na época de um marxismo de ponta que ainda hoje vigora. Uma produção acelerada rende uma economia de tempo e, portanto, rende lucro. O que Marx estudou não se restringe apenas a questão temporal do trabalho humano (fixar horários de trabalho a um preço), mas uma análise social desse tempo nas rotinas de trabalho.

A preocupação com o social, em meio ao novo tempo-espaço vivido pelo homem, nesse período de globalização em rede, leva escritores como Manuel Castells, David Harvey, Virilio,

³ *Bit* significa dígito binário, variação do registro de informações digitais em 0 e 1.

e tantos outros, a traçarem suas análises dos fluxos de informações e das novas posturas sociais, mediante uma construção físico-empírica da sociedade atual. Suas diferenças e discordâncias enriquecem a reflexão nessa pesquisa.

A verificação de um tempo que escapa ao relógio, aos calendários e renova a realidade de forma não-linear e interativa movimenta intelectuais de todas as áreas. Para HARVEY (2003), o tempo e o espaço são elementos que se comprimem, se achatam. Para ele, não há como explicar a sociedade atual com um único conceito fechado de tempo-espaço.

O pensamento de HARVEY (2003,189), ao analisar um modo de medir as variadas concepções humanas, baseia-se na física para contestar a idéia de um sentido único e objetivo de tempo e espaço. Para o autor, é importante perceber “a multidisciplinariedade das qualidades objetivas que o espaço e o tempo podem exprimir e o papel das práticas humanas em sua construção”. Sendo assim, “as qualidades objetivas do tempo-espaço físico não podem ser compreendidas sem que se leve em conta as qualidades dos processos materiais”. (HARVEY: 1993, 189)

Para tanto, A Condição Pós-moderna de Harvey está calcada na perspectiva materialista, com foco no capitalismo, no fluxo comercial, no valor de troca, no comércio. David Harvey não estuda as variáveis de tempo-espaço isoladamente, mas associa tais qualidades aos movimentos sociais no horizonte histórico da humanidade.

Ao observar as delimitações de espaço e de tempo feitas pelo homem, Harvey pontua a transição desses elementos na vida humana desde as interpretações subjetivas: marcações de pontos de referência para a navegação, o pôr-do-sol indicando o final do dia, estruturas geográficas para sinalizar o início e o fim de um território – fronteira, etc. Com a utilização de mapas, bússolas e do relógio, tais delimitações tornam-se práticas, objetivas e universais. O homem estabelece um padrão de medida, onde os fluxos correm em um tempo e um espaço comuns no planeta Terra. Essa estrutura linear é apontada, na física, por Newton e, em meados do século XX, questionada e abalada pelo pensamento Einsteiniano, com a Teoria da Relatividade.

Para Virilio (1999, 57) não há um tempo contínuo, mas um movimento temporal fragmentado, relativizado, onde o ponto de vista é o que determina suas qualidades de existência. Por isso, “assim como o espaço, o tempo absoluto desfez-se; em matéria de duração, tudo depende do olhar dirigido”. Virilio acredita que “o tempo não é mais inteiro”, e desse modo, de acordo com as técnicas de comunicação e telecomunicação, pode mostrar-se “indefinidamente fracionado em (...) instantes e instantaneidades”. Harvey, diferentemente de Virilio, não observa apenas as variáveis de tempo e de espaço, mediante o desenvolvimento técnico e o ponto de vista. Ele extrai sua análise de elementos sócio-históricos, desde o modernismo até os dias de hoje.

[Os] processos materiais de reprodução social se encontram em permanente mudança, [onde] tanto as qualidades objetivas como os significados do tempo e do espaço também se modificam. Por outro lado, se o avanço do conhecimento (científico, técnico, administrativo, burocrático e racional) é vital para o progresso da produção e do consumo capitalistas, as mudanças do nosso aparato conceitual (incluindo representações do espaço e do tempo) podem ter conseqüências materiais para a organização da vida diária. (HARVEY: 2003,189-190)

A observação dos movimentos capitalistas na diversidade interpretativa do tempo e do espaço, baseia-se em um pensamento complexo, que tem como intuito averiguar o todo, as partes e a soma das partes. Desse modo, a evolução tecnológica, histórica, social, capitalista, totalitária e materialista formarão um montante reflexivo capaz de elucidar a análise tempo-espacial no decorrer das décadas. Essa, portanto, é a busca de Harvey para esclarecer qual a condição pós-moderna e os elementos vitais para sua determinação.

Sem entrar nas questões ideológicas de cada sistema econômico, é importante reparar que, desde a época do capitalismo comercial e posteriormente, industrial, a aceleração do tempo é um objetivo humano. Castells aponta para a necessidade de uma “revolução temporal” em todos os âmbitos sociais, iniciada e observada, primeiramente, nos setores comerciais, com intenção de gerar mais lucro (Fordismo) ou evidenciar a eficiência produtiva de uma nação (Stalinismo).

A partir de então, a aceleração revolucionou a estrutura temporal mediante, como cita Castells, os “sistemas de fluxos”. A movimentação desses fluxos se mostra eficiente quando as empresas trabalham em rede, conectadas umas às outras, seja na troca de mão-de-obra, matéria-

prima, informações ou produtos já comercializáveis. Harvey (2003, 148) adiciona à Castells (1999) a questão da instabilidade gerada por esses sistemas de fluxos, pois, segundo ele “a estética relativamente estável do modernismo fordista cedeu lugar a todo o fermento, instabilidade e qualidades fugidas de uma estética pós-moderna que celebra a diferença, a efemeridade, o espetáculo, a moda e a mercantilização de formas culturais”.

Castells(1999,459-460) reconhece a perspectiva materialista abordada por Harvey, mas contrapõe-se às conclusões sobre a pós-modernidade, afirmando que “as sociedades contemporâneas ainda estão em grande parte dominadas pelo conceito de tempo cronológico (...) importantíssim[o] para a construção do capitalismo industrial”. Ele acredita que a fragmentação do tempo só é de fato própria e concreta com a chegada da conexão da sociedade em rede.

Esse tempo linear, irreversível, mensurável e previsível está sendo fragmentado na sociedade em rede, em um movimento de extraordinária importância histórica. No entanto não estamos apenas testemunhando uma relativização do tempo de acordo com os contextos sociais (...). A transformação é mais profunda: é a mistura de tempos para criar um universo eterno que não se expande sozinho, mas que se mantém por si só, não cíclico, mas aleatório, não recursivo, mas incursor: tempo intemporal, utilizando a tecnologia para fugir dos contextos de sua existência e para apropriar, de maneira seletiva, qualquer valor que cada contexto possa oferecer ao presente eterno.

Desse modo, Castells (1999, 460) afirma que essa transformação de valores e conceitos não está ocorrendo apenas em detrimento do sistema capitalista, o qual se esforça para libertar-se de todas as restrições. “A libertação do capital em relação ao tempo e a fuga da cultura ao relógio são decisivamente facilitadas pelas novas tecnologias da informação e embutidas na estrutura da sociedade em rede”.

Para Harvey (2003, 259), é a volatilidade de valores e a apropriação individual, características próprias impregnadas na condição pós-moderna, que possibilitam a “manipulação do gosto e da opinião (...) construí[ndo] novos sistemas de signos e imagens”. Assim, sem padrões estabelecidos, a apropriação dos bens (de produtos materiais até informações disponibilizadas em diferentes fluxos por aparatos) garante ao homem o poder de decidir o tempo e o espaço desejável. Em outras palavras, a possibilidade de optar pelo momento e pelo lugar para atender suas demandas individuais. Assim, o tempo intemporal de Castells, seria o

tempo sem tempo para ser efetivado, um tempo fragmentado no espaço de inúmeras possibilidades de escolhas.

Em meio a esse quadro, Harvey cria o conceito de “compressão espaço-temporal”, onde o universo é encolhido através de mapas que tendem a diminuir suas distâncias (espaços) de acordo com a evolução dos meios de transporte. De modo semelhante, Virilio (1996, 43) fala do “efeito de encolhimento”, baseando-se na instabilidade do olhar, o qual intui dimensões. “É através das ferramentas de percepção e comunicação” que o homem poderá “realizar esse paradoxo das aparências”, comprimindo a dimensão do universo.

mas de acordo com o autor, nasce de outra vertigem, associada diretamente com “o império da imagem e a forma como, através da engenharia das comunicações, ao serviço da mídia ela é engendrada”. Apostando em um “tempo de paradoxos”, o qual altera a percepção do horizonte histórico, o autor aponta para a abertura de um “terreno [que vai de encontro com] o reino da metáfora, de que hoje se valem os discursos recentes sobre o Tempo e o Espaço”.

Como já apostava Einstein, é necessário relativizar o olhar. Morin, com o pensamento complexo, jamais apostaria no extremo dos opostos. Relativizar para ele seria caminhar pela estrada de ponta à ponta, sem esquecer-se da trajetória como um todo. Não a toa, Morin acredita que o universo deve ser observado de três prismas: o todo, as partes isoladamente e a soma das partes, a qual não corresponde ao todo.

O Fluxo das Informações Jornalísticas

Como afirma HARVEY (2003,190), “a aniquilação do espaço através do tempo” se dá de forma a derrubar todas as barreiras, fronteiras que separam a globalização. É através de fatos como “as ondas gigantes”, conhecidas como “*Tsunamis*”, que causaram mais de 250 mil mortes e devastaram países na Ásia e na África, que se pode perceber, nas coberturas midiáticas, as relações tempo-espaciais das mesmas.

Eventos inesperados como estes não possibilitam uma organização por parte dos veículos para ministrar uma ampla cobertura de imediato. Dessa forma, fica evidente o alcance, a velocidade e o tempo-espaço de cada mídia, bem como outras características que serão analisadas mais adiante.

Cabe aqui, retomar algumas questões próprias dos meios que são analisados, observando suas características tempo-espaciais (fig.1):

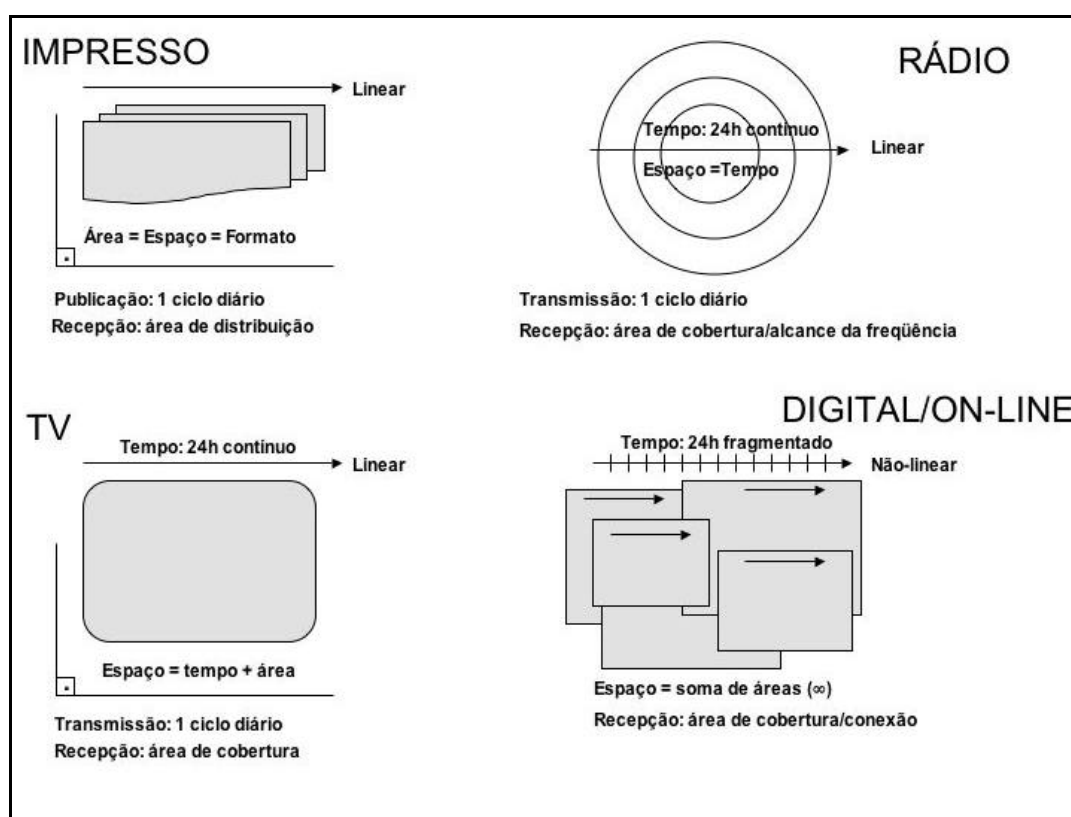


Fig.1: Quadro comparativo das relações tempo-espaciais das mídias

Desse ponto de vista, um acontecimento ocorrido do outro lado do mundo (ao qual HARVEY chama de “sem fronteiras”) pode evidenciar as dificuldades enfrentadas pelas mídias convencionais, caso essas não se valham de tecnologias digitais/on-line para mapear os fatos. A “compressão de tempo-espaço” de Harvey se mostra a mesma que o “efeito de encolhimento” de Virilio. Como exemplo, a análise de jornais impressos dos dias 26 (data em que ocorrera o

chamado *Tsunami*) à 31 de dezembro de 2004 pode elucidar a relação tempo-espacial da mídia impressa, para posterior comparação com as mídias digitais, conectadas em rede.

Zero Hora, em seu destaque de capa do dia 26 de dezembro, deu espaço para a matéria “A cara do verão 2005”, avisando ainda, para seus leitores, que a circulação do periódico nesse domingo (26) teve fechamento editorial na noite de sábado, o que impossibilitou o veículo de cobrir quaisquer fatos ocorridos na manhã do dia 26 de dezembro ou no decorrer deste dia fatídico. O impresso *Correio do Povo*, na presente data, também não fez diferente. Sua capa destacava a “Semana decisiva para finanças do Estado”, não abordando, em nenhuma linha, o ocorrido. A comparação do conteúdo publicado na mídia impressa e na mídia digital/on-line, demonstra muito bem a diferença tempo-espacial entre os suportes midiáticos (Fig.2) e o efeito da “compressão de tempo e de espaço”, citada por Harvey (2003, p.219).

O tempo necessário para cruzar o espaço e a forma como costumamos representar esse fato para nós mesmo são indicadores úteis do tipo de fenômeno que tenho em mente. À medida que o espaço parece encolher numa “aldeia global” de telecomunicações e numa “espaçonave terra” de interdependências ecológicas e econômicas – para usar apenas duas imagens conhecidas e corriqueiras –, e que os horizontes temporais se reduzem a um ponto em que só existe o presente (o mundo do esquizofrênico), temos de aprender a lidar com um avassalador sentido de compressão dos nossos mundos espacial e temporal. (HARVEY:2003, 219)



Fig.2: Site ClicRSB e a capa da Zero Hora (dia 26 de dezembro de 2004)

Tendo por base, os conceitos e as premissas de Harvey (2003), é notável e plenamente compreensível que os impressos só levassem a notícia do Tsunami para seus leitores, no final do dia 26 de dezembro. A baixa das vendas de uma edição extra, rodada pela empresa de comunicação RBS, na tarde do ocorrido, pode ser justificada pela agilidade de outros veículos que já haviam passado as informações contidas nessa edição tardia.

Na manhã de segunda-feira (27/12/2004), a edição normal do periódico Zero Hora e do Correio do Povo lançaram mão das informações mais específicas, enquanto sites e até mesmo a televisão e o rádio já haviam noticiado e contextualizado o fato. Isso registra, no universo impresso, uma rotina altamente linear, ligada ao tempo de fechamento prévio com horas de antecedência, impossibilitando coberturas em tempo real, ou próximo dele.

O espaço dos impressos também é limitado em relação ao fluxo informativo. É o que se constata nas capas dos dias 30, em Zero Hora e 31, no Correio do Povo, as quais não mais se referiam ao ocorrido, muito embora, a Internet ainda estivesse cobrindo o fato em suas ilimitadas páginas on-line, publicando, diariamente, destaques sobre o tema, em suas capas (homepages).

O fluxo informativo fica limitado às escolhas editoriais (processo do *gatekeeper*), sendo sempre de contextualização generalista, em sua grande maioria. Dessa forma, o jornal impresso não presta o serviço personalizado de “busca”, por exemplo, das pessoas desaparecidas, não oferece abertura aos anseios e demandas de seu público receptor, mantendo a forma fechada do sistema de comunicação, onde emissor e receptor não se cruzam, nem interagem.

Sendo assim, com um tempo de produção estrangulado pelas 24 horas do dia, tendo um processo lento de finalização (impressão do jornal), um espaço restrito (mediante formato do impresso) e uma circulação limitada. O impresso serve mais à memória histórica, característica essa também presente nos demais veículos noticiosos, através de gravações ou armazenamento de dados.

Não diferentemente, embora um pouco mais ágil, o rádio emitiu, muito próximo ao universo on-line, as primeiras informações sobre o *Tsunami* ocorrido na Ásia. De forma

semelhante ao episódio do dia 11 de setembro, nos Estados Unidos, com a queda das Torres Gêmeas do *World Trade Center*, os telefones das principais rádios do mundo sofreram um “engarrafamento” de ligações.

O que os receptores desejavam, ligando incessantemente para as rádios, era um tratamento individualizado, caso por caso, na busca por parentes e amigos, além de mais informações sobre o ocorrido. Obviamente, a mídia convencional não trata de casos específicos, perdidos no universo individual de seus receptores (a menos que isso seja um destaque informativo em meio aos fatos), mas é importante ressaltar que o fluxo informativo jornalístico, enquanto um bem pertencente à todos, deve angariar meios de suprir tais demandas.

Por ser um meio linear, dependente do tempo de transmissão, o qual é seu espaço de fluxo informativo, o rádio não proporcionou uma cobertura acirrada sobre o eventual desastre. Todas as informações transmitidas pela radiodifusão foram, na maioria das vezes, a réplica de informativos via *Web* e de agências de notícias internacionais. Nenhum repórter do grupo RBS, por exemplo, deslocou-se para o ponto do abalo sísmico asiático, até mesmo porque não haveria tempo ábil para tal deslocamento e posterior retorno das informações de lá obtidas, sem contar, obviamente, com as tecnologias digitais/on-line (que dispensam o deslocamento). O fluxo informativo do rádio, portanto, concentrou-se, em esparsos boletins diários, sem “furos de reportagem”.

A TV contou com imagens de cinegrafistas amadores que estavam nos locais das regiões atingidas, com correspondentes internacionais fixos nos EUA e na Europa. O primeiro boletim televisionado pela emissora brasileira foi o do programa jornalístico Fantástico, na noite do dia 26 de dezembro.

A Rede Globo optou por blocos que contextualizaram o fato. O programa Fantástico, não diferentemente de outros telejornais, utilizou, em sua cobertura, imagens cedidas (já transmitidas por emissoras locais), gráficos animados explicativos, informações em áudio via telefonemas, imagens de arquivo, imagens de filmes que abordam o tema de “fúrias marítimas” e entrevistas feitas com especialistas na área da meteorologia e da geografia no Brasil.

A Internet foi a mídia que se destacou por sua agilidade, constante atualização, capacidade de interagir com os usuários, contextualizando o fato ocorrido de forma não-linear, sob demanda personalizada. Nesse meio, webjornais, jornais impressos que utilizam a Internet, emissoras de TVs na *Web* e rádios disponíveis na rede conseguiram atingir um número de pessoas muito maior, sanando não só a procura por notícias sobre o fato em si, mas a busca por parentes, pessoas desaparecidas e mortas pelo *Tsunami*.

Essa não-linearidade de captação/recepção de fluxos informativos só se faz presente na mídia digital/on-line devido a característica de tempo-espaço da mesma. A possibilidade de obter informações variadas, complementares, sobrepostas em uma tela plana, é que garante ao usuário a escolha hiperlinkada, não-retilínea. A não-linearidade e a interatividade desse meio são as características determinantes para modificar o fluxo informativo nas mídias digitais/online.

O *hiperlink* das páginas, bem como as inúmeras informações em áudios, vídeos, fotos, gráficos e textos possibilitaram uma melhor contextualização e abertura à interatividade junto aos usuários. Os *blogs*, páginas noticiosas alternativas, conseguiram realizar coberturas tão ou mais completas que muitos sites profissionais da comunicação, devido à sua interatividade.

Da mesma forma, “como já havia ocorrido no 11 de Setembro e em outras grandes tragédias dos últimos anos, a *Web* foi uma importante fonte de notícias, com uma cobertura em tempo real já na manhã do domingo (26/12)” (UOL:2005). Desse modo, percebe-se a diferenciação entre o digital/online e as mídias convencionais, as quais só apresentaram a notícia de forma completa ao público na noite do dia 26, quase 12 horas depois do ocorrido ou na segunda-feira (27/12), com 24 horas de atraso.

Nascida em plena época de guerra, a Internet, instrumento midiático capaz de veicular diferentes fluxos informativos, em espaços ilimitados e tempos diversos, se faz presente de forma ímpar no universo que HARVEY (2003) chama de “sem fronteiras”, obtendo destaque na globalização de notícias, de forma a confirmar CASTELLS (2003,13), o qual afirma que a

história da Internet “ajuda-nos a compreender os caminhos de sua futura produção histórica”, bem como “a produção histórica de uma dada tecnologia molda seu contexto e seus usos”.

Nessa nova economia, as redes digitais e o conhecimento humano estão transformando quase tudo o que produzimos e fazemos. Na velha economia, a informação, as comunicações e as transações eram físicas, representadas por dinheiro em espécie, cheques, faturas, conhecimentos de embarque, relatórios, reuniões frente a frente, telefonemas analógicos ou transmissões de rádio ou televisão, recibos, desenhos, projetos, mapas, fotografias, discos, livros, jornais, revistas (...). Na nova economia, de maneira crescente, a informação sob todas as suas formas, as transações e as comunicações humanas estão se tornando digitais, reduzidas a bytes armazenados em computadores que se movem à velocidade da luz por meio de redes (...). As grandes companhias estão deixando de ser organizações hierarquizadas para se converter em organizações interconectadas. (CEBRIÁN: 1999, 15)

De acordo com o autor, é esse novo meio (digital/on-line) que *está “mudando a forma de fazer negócios, de trabalhar, de aprender, de brincar e até mesmo de pensar”* (1999, 19). Sendo assim, não há como imaginar a comunicação, intrínseco instrumento associado às mudanças e aos avanços sociais, não sofrer e refletir tais transformações. Como afirma CEBRIÁN (1999,22), *“a medida que as comunicações humanas, o trabalho, a aprendizagem (...) vão se incorporando à rede, quantidades e tipos inimagináveis de informação vão sendo digitalizadas e difundidas (...)”* tendo a necessidade, a partir de então, de veicularidade em meios que, da mesma forma, sejam digitais e estejam conectados 24 horas por dia ao sistema de redes comunicacionais (*Web*).

Pelo que entendo, meio de inovação é um conjunto específico de relações de produção e gerenciamento com base em uma organização social que, de modo geral, compartilha uma cultura de trabalho e metas institucionais, visando gerar novos conhecimentos, novos processos e novos produtos. Embora o conceito de meio não inclua necessariamente uma dimensão espacial, afirmo que no caso das indústrias de tecnologia da informação, pelo menos neste século, a proximidade espacial é uma condição material necessária para a existência desse meio devido à natureza da interação no processo de inovação. O que define a especificidade de um meio é sua capacidade de gerar sinergia, isto é, o valor agregado resultante não do efeito cumulativo dos elementos presentes no meio, mas de sua interação. (CASTELLS: 1999,414)

Talvez por isso, os *blogs* (denominados por profissionais da mídia convencional, como jornais virtuais alternativos) tenham ganhado tamanho espaço e valorização em meio às diferentes fontes de informações sobre o Tsunami. “(...) mais uma vez, a Internet oferece

liberdade num mundo de crescente controle por grandes grupos de mídia.” (CASTELLS: 2003,162) Comunidades virtuais, bem como *blogs*, tem sua base de afinidade intermediada por sistemas de comunicação telemáticos. “Seus membros estão reunidos pelos mesmos núcleos de interesses, pelos mesmos problemas: a geografia, contingente, não é mais nem um ponto de partida, nem uma coerção.” (LÉVY, 1996:20)

A quebra de fronteiras, garante o acesso às informações. No entanto, é necessário verificar que um novo usuário nasce, quando de encontro à mídia digital/online. A tão estudada “passividade” frente aos fluxos informativos, toma nova forma, requestionando o posicionamento do emissor-receptor na estrutura do sistema comunicacional.

A partir de então, o chamado usuário (em outras palavras: aquele que se vale, que usa a informação) tem a opção de interagir. Possibilidades de armazenamento de dados (informação enquanto um bem próprio do receptor), de feedback ao repórter, de escolhas não-lineares, de publicações sem filtros (como em *blogs*), mostram-se como potencialidades de um usuário não passivo, mas interativo em uma ambiência digital/online. A capacidade de gerar uma “interação mútua” – como afirma Alex Primo (1999) – e transmitir notícias de forma personalizada e sob demanda, garante à mídia digital/on-line um alcance/acesso diferenciado. Essa emergente mídia digital/on-line agrega, como se verifica, qualidades não observadas, em um mesmo nível, nos meios convencionais: relativização tempo-espacial, interatividade, não-linearidade, convergência de linguagens e quebra do formato padrão de jornalismo.

A emergência da Internet como um novo meio de comunicação esteve associada a afirmações conflitantes sobre a ascensão de novos padrões de interação social. Por um lado, a formação de comunidades virtuais, baseadas sobretudo em comunicações on-line, foi interpretada como a culminação de um processo histórico de desvinculação entre localidade e sociabilidade na formação da comunidade: novos padrões, seletivos, de relações sociais substituem as formas de interação humana territorialmente limitadas. (CASTELLS: 2003,98)

Nesse espaço de fluxos nas mídias digitais/on-line não só há a possibilidade de escolhas desuniformes, como a disponibilização da informação se dá em tempo real/total. Em outras palavras, o conteúdo permanece *on demand* à espera do usuário. Não há um horário marcado para sua exibição, tampouco restrições espaciais ou de linguagens.

Sendo assim, jamais um usuário será obrigado a assistir um vídeo do início ao fim para ver a parte que realmente lhe interessa. Jamais o usuário terá de esperar o horário marcado de um programa jornalístico (como no rádio e na TV) para receber informações. A possibilidade de montar, individualmente, uma *playlist*, conforme a demanda personalizada do usuário, quebra com o padrão formal do telejornalismo convencional, onde se apresentam primeiramente os assuntos mais sérios, finalizando o programa com matérias mais agradáveis ao telespectador. Essa observação já foi verificada por Harvey(2003,259), como uma das condições da pós-modernidade, no capítulo 1: a capacidade de optar e obter a informação disponibilizada em banco de dados, em qualquer tempo e lugar. O rompimento dessa linearidade obrigatória garante liberdade de escolha de conteúdos ao receptor, o qual nesse momento, tornasse proprietário da informação. O receptor, dessa forma, é um interagente no fluxo informativo, agindo como um verdadeiro editor de montagem de seu próprio tempo e espaço de fluxo.

Pode-se dizer, seguindo CASTELLS (1999,490), que o receptor torna-se gerenciador do processo de fruição informativa. “A *tendência predominante de nossa sociedade mostra a vingança histórica do espaço, estruturando a temporalidade em lógicas diferentes (...) de acordo com a dinâmica especial.*” No site *Globo Media Center*, da empresa Rede Globo, o usuário, em busca de informações videográficas, pode escolher os trechos informativos que deseja receber/assistir, sem horário marcado. Pode ainda, alterar a ordem das matérias mesmo que sua *playlist* apareça montada linearmente. Da mesma forma que não necessita assistir comerciais ou intervalos para retomar o fluxo informativo que lhe interessa. O *play-stop* fica à disposição de comando do próprio usuário, em uma ordem relativizada de tempo-espaço. Isso implica a quebra de formato padrão do jornalismo, como o mesmo foi apresentado em mídia convencional.

Portanto, quando se diz que o fluxo das informações possui categorizações diversas ao ser disponibilizado em um meio convencional (jornal impresso, TV, rádio) ou em um meio digital/on-line, o que se percebe é que o suporte – com suas características – é quem determina o tempo-espaço, o nível de interatividade (e se essa é ou não reativa e/ou mútua), a convergência ou não de linguagens e a modificação de padrões de formatos jornalísticos.

Referências bibliográficas

BAUDRILLARD, Jean. Tela toral: mito-ironias do virtual e da imagem. Porto Alegre: Sulina, 2002.

DAVIES, Paul. O enigma do tempo: a revolução iniciada por Einstein. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

GONTIJO, Silvana. O mundo em comunicação. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

HARVEY, David. Condição pós-moderna. São Paulo: Loyola, 2003.

KOSSOY, Boris. Fotografia e história. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LEMOS, André. Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MCLUHAN, Marshall. Understanding media: the extensions of man. Nova York: Macmillan, 1964.

MORIN, Edgar. Terra-Pátria. Porto Alegre: Sulina, 2002.

OLIVEIRA FILHO, Geraldo Fulgêncio de. Dicas de física. Porto Alegre: G.F. de Oliveira Filho, 1992.

PIETTRE, Bernard. Filosofia e ciência do tempo. São Paulo: EDUSC, 1997.

POSTMAN, Neil. Amusing ourselves to death: public discourse in the age of show business. Nova York: Penguin Books, 1985

SILVA, Juremir Machado da. As tecnologias do imaginário. Porto Alegre: Sulina, 2003.

SOUSA, Mauro Wilton de. Novas linguagens. São Paulo: Editora Salesiana, 2001.